

Revista Época  
4/10/1999

|     |       |                         |  |  |  |  |  |                               |  |
|-----|-------|-------------------------|--|--|--|--|--|-------------------------------|--|
| LU  | ORNAL | REVISTA ÉPOCA<br>BRASIL |  |  |  |  |  | PUBLICADO EM:<br>* 4 OUT 1999 |  |
| 190 | 152   |                         |  |  |  |  |  | 4                             |  |

**500** ÍNDIOS  
ANOS

CADERNO \_\_\_\_\_  
PÁGINA Nº 60 e 61

DEMARCAÇÃO

# Confusão centenária

**Símbolo do  
Descobrimento,  
o Monte Pascoal vira  
cenário de uma  
guerra entre índios  
pataxós e  
ambientalistas**

O primeiro punhado de terra avisado pela frota de Pedro Álvares Cabral quando chegou ao Brasil, o Monte Pascoal, no sul da Bahia, até pode ser apontado como um exemplo de preservação. Tem uma estrada de asfalto e uma ou outra área desmatada, mas continua "muito alto e redondo, com grandes arvoredos", exatamente como descreve Pero Vaz de Caminha na carta em que esmiuça detalhes do "achamento" ao rei de Portugal. Às vésperas dos 500 Anos do Descobrimento, o lugar seria cenário

perfeito para comemorações. Mas o que se vê ali é uma disputa ferrenha. Há um mês, 300 índios pataxós, moradores de nove aldeias das redondezas, invadiram o morro. Vestiram saias de palha, colocaram cocares, acenderam cachimbos e espalharam faixas em que decretam com letras vermelhas: "O Monte Pascoal é dos pataxós".

Não deixa de ser simbólico. Justamente ali, no Monte Pascoal, desfila uma espécie de alegoria da confusão que se estabeleceu no Brasil ao longo de cinco séculos. De um lado estão os índios. Divididos em dois ramos, os pataxós e os pataxós hã-hã-hãe, eles querem o direito de ocupar e viver no morro. Fluente em português, esquecidos da própria língua, estão no meio do caminho entre a vida urbana e a cultura original, mas bradam pelo direito de retomar as terras dos antepassados. Do outro lado está o governo, às voltas com o velho problema de



**MEIO DO CAMINHO**  
Crianças pataxós começam a aprender na escola a tradição de seu povo.

CADERNO \_\_\_\_\_

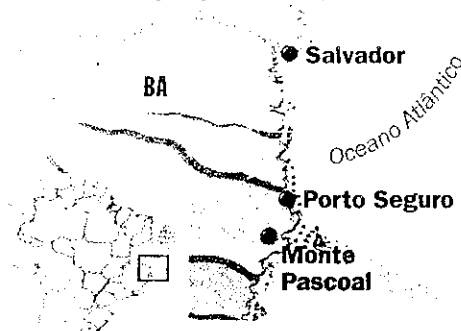
PÁGINA Nº \_\_\_\_\_



**APOIO**  
Representantes de 39 povos de todo o país se unem aos pataxós em uma sessão de toré, dança tradicional

### MAPA DA DISPUTA

Área do parque: 22.500 hectares



como acomodar o que sobra da população indígena, sem devastar o que resta do patrimônio ambiental.

**Transformado em Parque Nacional** do Monte Pascoal em 1961, o morro é um dos últimos focos nativos de Mata Atlântica no país. Por lei, é área de preservação ambiental. Ainda assim, não recebe os cuidados que merece. No ano passado, foi visitado por 5 mil pessoas, um número pequeno diante dos 800 mil turistas que passaram por Porto Seguro, a duas horas dali. Este ano nem os poucos curiosos podem ir até o lugar. Em fevereiro, o parque foi fechado por falta de funcionários. Nesse cenário, os índios são vistos como ameaça. Técnicos do Ibama temem que a chegada deles piore a situação. "Por tradição, os índios são extrativistas, alteram o meio ambiente", diz Carmen Florêncio, chefe do parque. "E

precisamos preservar o pouco de floresta original que ainda nos resta." Para proteger o monte, o Ibama entrou com uma ação de reintegração de posse. Quer tirar os pataxós da área.

Os índios avisam que não saem. Além de bradar que a terra é deles, por direito histórico, os pataxós sacam um argumento demográfico. Quando o monte foi transformado em área de preservação, índios que viviam na aldeia de Barra Velha puderam ficar dentro do parque – no máximo, 500, segundo a Funai. Em 1980, eles ganharam uma reserva indígena. Pela lei, podem usar 8.600 hectares, dos 22.500 de toda a área protegida. O problema é que a população da região explodiu. Hoje são 3 mil índios. "Precisamos de mais espaço", reclama o subcacique da aldeia de Barra Velha, Joel Braz, pai de 11 filhos, todos moradores do parque. Joel defen-

de que os pataxós voltem a descobrir a própria língua, perdida com o contato intenso com os brancos. "Recuperamos algumas palavras que, junto com as danças tradicionais, estão sendo ensinadas às crianças na escola", diz.

Os pataxós sobrevivem de agricultura e comércio de artesanato. A única maneira de voltar às origens, dizem, é com a ajuda do governo. O Ibama tem um projeto de liberar R\$ 1,5 milhão em três anos. Com o dinheiro, os índios aprenderiam técnicas mais modernas de agricultura – para plantar sem exaurir a terra – e seriam treinados para servir de guias florestais. "Prometeram liberar o dinheiro há muito tempo, mas ele não sai nunca", protesta Nailton Muniz, presidente do conselho de 15 aldeias pataxós e pataxós hã-hã-hã. Nailton também mora no parque, mas sua aldeia original é em Pau-Brasil, a mesma de Galdino Jesus dos Santos, o índio queimado em um ponto de ônibus em Brasília por cinco jovens, em abril de 1997. Na semana passada, a luta dos pataxós recebeu apoio extra. No sábado 25, 100 lideranças de outras 39 tribos, reunidas em Porto Seguro para um encontro de Povos Indígenas, fizeram um desvio de curso até o Monte Pascoal. Lá, engrossaram uma sessão de toré, uma dança indígena tradicional. Pelo ritual pataxó, pode ser o início de uma guerra.

LUCIANA PINSKY,  
DO MONTE PASCOAL

### SEM CONVERSA

Nailton Muniz, um dos chefes da tribo do índio Galdino, diz que não sai do morro

Fotos: La Costa/ÉPOCA

